



Gênero, sexualidade e raça no contexto do Pole Dance

Jornal da Universidade / 11 de julho de 2024 / Artigo

Artigo | Juan Romero, Mariana Fagundes e André Silva, do PPG em Ciências do Movimento Humano, relatam a diversificação de corpos nos palcos de danças e observam como se dá a construção da masculinidade nesses espaços

*Por Juan Romero, Mariana Fagundes e André Silva

*Ilustração: Fabio Viera/ Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IA/UFRGS

Culturalmente, há uma tentativa de separar as práticas entendidas como próprias para corpos masculinos e as próprias para corpos femininos. Há uma expectativa de que homens tenham interesse por práticas corporais viris e que acionem valências físicas como velocidade e força. Em relação às mulheres, espera-se que se vinculem a práticas corporais entendidas como delicadas e femininas. Quando ocorre uma inversão desses interesses, como no caso das mulheres no futebol, ou homens em alguns estilos de dança, esses sujeitos são associados a representações estigmatizadas que produzem processos de exclusão, inibindo e dificultando tanto as mulheres nos campos quanto os homens nos palcos.

Se os homens já enfrentam arduamente essas representações por estarem presentes nos palcos de danças entendidas como “tradicionais”, como ballet, contemporânea e jazz, no Pole Dance esse processo pode ser ainda mais complexificado, pois passam a ser atravessados também pelo estigma do entendimento cultural construído sobre essa prática.

O Pole Dance, como conhecido atualmente, é uma derivação das apresentações das strippers de casas noturnas nas décadas de 1980 e 90, sendo historicamente associadas às representações de feminilidade, que dançam de forma a explorar a sensualidade para entretenimento, principalmente, do público masculino heterocentrado.

Nas performances de Pole Dance quem está no centro, em contato com a barra, passa por um processo de escolher um conjunto de recursos e estratégias que visam tornar o intuito da apresentação inteligível para quem assiste. Essa escolha pode trazer alguns questionamentos em relação ao desempenho na modalidade, pois há uma expectativa do que é aceitável e exigido no Pole Dance masculino e feminino, tanto da parte dos praticantes quanto de quem está de fora. Há uma distinção entre o que é considerado aceitável – associado às representações de gênero – e o que deveria ser feito – associado ao desempenho e à habilidade a performar na modalidade.

Nesse sentido, as mulheres que optam por performances sensuais podem passar por um processo de objetificação de seus corpos, pois a sensualidade é culturalmente associada às strippers de clubes noturnos. Já os homens podem passar por esse mesmo processo e ainda são questionados sobre gênero e sexualidade, pois o Pole Dance não é culturalmente entendido como masculino.

Com o crescimento do Pole Dance, a compreensão da prática se desdobra em múltiplas formas ao incorporar as diversidades de modos de expressões artísticas e culturais do mundo contemporâneo, alcançando novos públicos e espaços. A participação não é mais exclusiva das mulheres, os homens e as crianças passam a pertencer a este ambiente.

Assim, a presença dos homens na modalidade abre a possibilidade para debatermos sobre como eles dão significado à masculinidade em um espaço historicamente associado às mulheres dançarinas de strip-tease. Em Porto Alegre, atualmente, existem cerca de 14 espaços que oferecem aulas de Pole Dance e, ainda que os homens sejam a minoria, eles se fazem presentes.

É na interseção entre gênero e sexualidade que homens poledancers parecem constituir condições de possibilidade para a prática, temática central de dissertação de mestrado em andamento que busca compreender tensionamentos e significados produzidos pelo Pole Dance performado por homens.

Para além das masculinidades no Pole Dance, há questões adicionais que merecem ser exploradas. A exemplo disso, a relação das mulheres negras com o exercício da sexualidade nessa prática também é foco de dissertação de mestrado. Ao colocar em pauta as interseções entre gênero, sexualidade e raça no contexto do Pole Dance, temos tido pistas sobre um processo ambíguo e nuançado que por vezes subverte e tensiona e, por vezes, faz um uso interessado das tradicionais representações dos corpos de mulheres negras na dança.

Juan Kal Rosa Romero é bacharel em Educação Física e mestrando no Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS.

Mariana Ghignatti Fagundes é licenciada em Educação Física e mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS.

André Luiz dos Santos Silva é professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança e do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS.

“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”

:: Posts relacionados



Como as prisões ensinam o que é gênero, sexualidade e identidade



Barreiras implícitas dificultam a equidade de gênero na Justiça Federal



Como o combate à masculinidade tóxica pode se inserir no ambiente escolar?

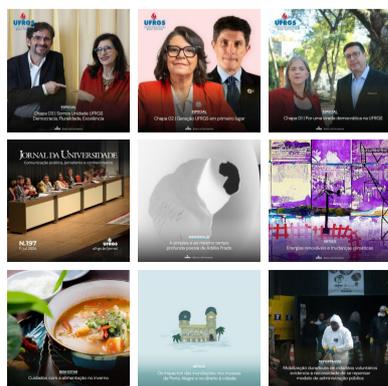


Violência de gênero e relações de poder na universidade

INSTAGRAM

jornaluniversidadeufrgs
@jornaluniversidadeufrgs

Follow



View on Instagram

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro |
Bairro Farrroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060

📞 (51) 3308.3368

📧 jornal@ufrgs.br